

Os conflitos sociais gerados pelas *hetaireíai* nos simpósios em Atenas no final do V século a.C.

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

Résumé

Dans cet article nous voudrions démontrer que les pratiques du banquet et du komos aidèrent à former des groupes politiques opposés à Athènes au V^{ème} siècle av. J.-C. Ces groupes entrèrent en conflit à la fin du siècle de Périclès.

Este artigo é fruto da pesquisa desenvolvida no mestrado em História Social da UFRJ, sob a orientação da Profa. Dra. Neyde Theml e com o apoio financeiro da CAPES.

O objetivo deste artigo consiste em demonstrar que as práticas do *simpósio* e do *kômos*, em Atenas no V século a. C., eram lugares possíveis de encontros de grupos políticos (*hetaireíai*) que fomentavam conflitos no interior da sociedade póliade.

Antes de mais nada é necessário ficar claro que entre os gregos não havia a moderna noção de partidos políticos (Aurenche, 1974, pp.8-9). O que existiam eram associações políticas. O grupo era a reunião de seus membros, e ocorria sua dissolução quando se separavam os indivíduos que o compunham. Essas associações eram laicas e possuíam sempre um homem a sua frente (Aurenche, 1974, pp. 42-43).

Olivier Aurenche aponta como elemento formador de um grupo político os laços de parentesco. Um terço do grupo de Alcibiades era constituído por seus familiares (Aurenche, 1974, p. 56). Outro elemento é a riqueza. O dinheiro abolia as diferenças de origem social e permitia a coesão do grupo. Assim sendo, a riqueza permitia o ingresso de *metecos* nestas associações (Aurenche, 1974, p. 153). Vale lembrar que *metecos* ricos possuíam suas próprias associações, temos o exemplo de Teucros com seu próprio grupo político.

Os indivíduos que participavam destes grupos se reuniam em simpósios, ou seja no *andrôn*, na sala da casa de um dos componentes da

associação. A prática social do simpósio e do *kômos* fomentava, então, a constituição destes grupos nas elites políticas de Atenas no V século a. C. Bem como laços de amizade (*philia*) entre os integrantes do círculo. Jean-Marie Dentzer vê na prática social do simpósio um lugar de privilegiados, daqueles que podem banquetear, em detrimento dos que não o podem. Estabelecendo entre os convivas que estão no *andrôn* uma comunidade sensível e concreta (Dentzer, 1982, p. 447). Mas o autor esqueceu do *kômos*, da procissão que percorre as ruas da *pólis* após um festim, podendo retornar a ele depois. Logo, o *kômos* cria uma circularidade entre os convivas de um determinado simpósio com os transeuntes da *ásty*. Sem esquecermos que muitos banquetes eram *invadidos* por *komástai* — por pessoas que não foram convidadas para aquele festim. Tanto a prática do simpósio quanto a do *kômos* não são, então, restritas a determinadas camadas da sociedade de Atenas.

O banquete e o *kômos* são ocasiões propícias para o estreitamento de laços entre os homens. O poeta Teógnis ensina ao jovem Cirno a comer e a beber com os bons (*ἀγαθῶν*) e jamais banquetear com os maus (*κακοῖσι*) (Teógnis, vv. 30-35). Ele elogia a paz, pois permite celebrar o *kômos* (*κομάζοιμι*) com os companheiros (Teógnis, v. 885). Em Sófocles, o simpósio proporciona o prazer de beber o vinho na taça, com amigos escutando o *aulós* (Sófocles, *Ajax*, vv. 1198-1239). Fica claro aqui que estas práticas estreitam laços entre os homens, proporcionando a amizade entre eles, e a formação de grupos políticos.

O simpósio se insere num valor muito antigo da sociedade ateniense: a hospitalidade. Receber um estrangeiro ou um amigo, é um dever e a quebra deste valor implica numa desmedida, numa *hýbris*. Uma das formas de se prestar a hospitalidade é o festim doméstico. A repetição dos festins busca a preservação do grupo de amigos. Ser excluído da festividade é a marca da rejeição social (Finley, 1988, p. 119).

Um exemplo desta rejeição é o personagem Filocléon de *As Vespas*. Devido ao seu comportamento intemperante num banquete ele estará fora daquela *hetaireía*, à margem da vida social (Aristófanes, *As Vespas*, vv. 1330-1335).

Zelar pelo bom tratamento dos convivas é um dos conselhos de Teógnis. O poeta ensina alguns preceitos de etiqueta: não convidar a sair quem quiser permanecer no banquete; não acordar o conviva que dorme por causa dos efeitos do vinho (Teógnis, vv. 465-475). Portanto o simpósio é uma das práticas sociais que possibilitam a formação e manutenção de grupos sociais.

Simpósio e Kômos: práticas fomentadoras de conflitos em Atenas no final do V século a. C.

Como já dissemos, baseado no estudo de Aurenche, o *simpósio* e o *kômos* são espaços formadores de grupos políticos em Atenas. Devemos, assim, compreender os termos que os autores antigos utilizam para denominar estes grupos, e a atuação deles na pólis de Atenas.

Olivier Aurenche identifica três termos: *stásis*, *hetaireíai* e *synomosía*. O primeiro se remete aos conflitos entre grupos rivais numa *pólis* (Aurenche, 1974, p.10). As *hetaireíai* congregam simpatizantes do regime oligárquico. Estas organizações são a favor de um governo autoritário. Mas nem todas as *hetaireíai* são oligárquicas, embora todos os oligarcas que ambicionassem uma posição política procurariam participar de uma *hetaireía* (Aurenche, 1974, pp. 20-25). Já a *synomosía* é um grupo de oligarcas com o intuito de fomentar um golpe contra o regime democrático (um complô contra o Estado). O autor salienta que poderia haver a passagem de membros de uma *hetaireía* (grupo político) para uma *synomosía* (grupo que articula um complô contra o regime) (Aurenche, 1974, p. 38).

De fato, as *hetaireíai* tinham no simpósio o seu locus de reunião e de confabulação. A carnavalização do *simpósio* e do *kômos* ocorre no interior destes grupos. Como o comediógrafo Epicharme apontou: “*Do sacrifício nasce o festim. Do festim a embriaguez (...) o processo, a condenação.*” (Carrière, 1979, frag. 148 Kaibel, p. 200). Esta mesma idéia a encontramos em *As Vespas* de Aristófanes. Filocleón carnavalizou o simpósio, rompeu com a ordem existente, impôs sua visão utópica de mundo ao grupo que banqueteara — uma *hetaireía* (Aristófanes. *As Vespas*, vv. 1220-1225). A partir de sua atuação intemperante ele está à margem da vida social e terá que prestar contas à justiça. Pois em seu *kômos*, após ter roubado dos convivas a tocadora de *aulós*, ele estragou os apetrechos da Mulher e espancou um Homem, ou seja, não respeitou os transeuntes atenienses em sua procissão.

Filocleón tentará se desvencilhar das acusações das vítimas, mas os personagens afetados pela sua embriaguez se inclinam a acusá-lo perante os juizes da *pólis*. As palavras de um velho intemperante não surtirão efeito diante de seus atos, diante de seus hábitos (τρόποις). Também em Lísias podemos perceber esta oposição das atitudes/ hábitos e das palavras. O que será julgado pelo juiz no tribunal são os atos (ἔργων) e não as palavras (λόγων) do acusado (Lísias. *Contra Eratóstenes*, XII, 33). O fenômeno do carnaval, então, inverte os valores *euforizados* pela sociedade

(Bakhtin, 1993, p.7), como por exemplo: respeito aos cidadãos, temperança e justa medida. Daí percebe-se a repressão exercida às manifestações que subvertem a ordem poliade.

O simpósio é apresentado também como o *locus* de tramas, assassinatos e pancadarias. No drama *Íon* de Eurípides, a personagem Créuse não aceita Íon como herdeiro do reino. Então a rainha arquiteta com o Ancião o assassinato do jovem num banquete. Nesta festa Íon não morre envenenado por pouco (Eurípide. *Ion*, vv. 1122-1228). O orador Lísias em seu discurso *Contra Tisis* nos mostra que Tisis chamou o jovem Archipos para banquetear. Chegando à casa de Tisis, este prendeu Archipos a uma coluna e o chicoteou (Lísias. *Contra Tisis*. frag. XVII).

No ano de 415 a. C. em Atenas ocorreram dois fenômenos envolvendo essas *hetaireíai* e as práticas do simpósio e do *kômos*: a profanação dos Mistérios de Eleusis e a mutilação das estátuas de Hermes.

Quanto à primeira manifestação, O. Aurenche nos informa que a profanação dos Mistérios ocorria durante o simpósio: após o jantar (*deípnon*) (Aurenche, 1974, p. 165). Este fenômeno gerou várias denúncias. A primeira foi a de Pythonicos, este se levantou diante do *dêmos* e disse o seguinte: o *estrátego* Alcibíades mostrou os Mistérios na companhia de outros companheiros numa casa (*ἀποδείξω ὑμῖν τὰ μυστήρια ποιούντα ἐν οἰκίᾳ μεθ' ἑτέρων*) (Andócides, *Sobre os Mistérios*, 11-13). Após esta denúncia seguiram-se outras. Envolviam não só Alcibíades, bem como o meteco Teucros, que se refugiou na pólis de Mégara e também o pai de Andócides — Leógoras. Este último presenciou a profanação num simpósio. Na época Andócides seria considerado o delator de seu próprio pai. Logicamente em seu discurso *Sobre os Mistérios* o orador ateniense se defende dizendo que não foi ele quem denunciara seu pai, e sim o escravo que presenciou a profanação dos Mistérios na casa de Phérecles (Andócides, *Sobre os Mistérios*, 17).

Em relação à ligação de Andócides com as paródias, o orador e meteco Lísias será contundente: Andócides profanou os Mistérios (Lísias. *Contra Andócides*, 51). Não podemos esquecer que Alcibíades foi diretamente implicado no caso das profanações. O poeta cômico Êupolis o via como um beberrão (Carrière, 1979, frag. 352, p. 252), e Lísias o trata como inimigo da *pólis* (Lísias. *Contra Alcibíades*, 1). Segundo a interpretação de Oswin Murray, a profanação dos Mistérios se caracterizou como uma *performance* deliberada do ritual religioso fora de seu próprio contexto (e com as pessoas erradas, pois somente os sacerdotes de Eleusis poderiam executá-lo). Assim, a profanação foi encarada como uma *performance* ilegal, sacrílega e imoral (Murray, 1990, pp. 155-157).

Portanto este fenômeno pode ser encarado da seguinte maneira. Estes grupos se reuniam em simpósios e somente no tempo do *carnaval* eles poderiam encenar este tipo de paródia. Pois eles se lançavam ao consumo de vinho, à audição de música, aos perfumes e prazeres sexuais. Entravam numa liberdade utópica, num outro tempo. O carnaval cria entre eles uma relação livre que abole com todas as normas e leis. Logo o respeito e o segredo sobre os Mistérios foram suspensos nestes simpósios carnavalescos.

Em relação à segunda manifestação, o grupo de Leógoras-Andócides estava diretamente envolvido com as mutilações das estátuas. Envolvidos, então, numa conjuração contra o regime democrático de Atenas (Aurenche, 1974, p. 167). O fato ocorreu à noite (ausência do Sol — Hélios — do olho que tudo vê), cerca de trezentos homens se reuniram no Teatro de Dionisos (o teatro é o espaço da política e da subversão dionísia) e partiram para as mutilações. O grupo de Leógoras e simpatizantes tinham um objetivo político: impedir a partida da expedição para Sicília e enfraquecer o regime democrático.

De *hetaireia* eles passaram a formar uma *synomosía*. Um grupo com finalidade golpista, com atuação clandestina e ilegal. Sobre este fenômeno conhecido do final da Guerra do Peloponeso possuímos vários documentos. Um deles é o relato de Tucídides. O historiador ateniense contará que quase todas as estátuas de Hermes de Atenas foram mutiladas na face. O historiador ático entende este ato como um atentado à democracia (Tucídides, VI, 27). Tucídides culpa Alcibiades sobre este ato, e salienta que a profanação dos Mistérios também foi vista como uma conspiração contra o dêmos (VI, 61). Quanto às mutilações, Tucídides expõe que após o ocorrido alguns metecos e escravos relataram sobre outras mutilações de estátuas de deuses, praticadas por jovens embriagados (Tucídides, VI, 28).

Podemos aproximar o relato de Tucídides com as comédias de Aristófanes. Pois em *As Vespas* o comediógrafo nos apresenta um *komastés* — Filocléon — embriagado e criando confusões nas ruas de Atenas. Em *Os Acarnenses* vislumbramos jovens embriagados numa rixa noturna (Aristófanes, *Os Acarnenses*, vv. 1165-1170), tal como em Tucídides.

Lísias culpa Andócides pelas mutilações. O orador entende que Andócides cometeu um ato ímpio contra a religião *poliade* (Lísias. *Contra Andócides*, 17). Andócides procurará se defender das acusações dizendo que seu amigo de *hetaireia* Euphilétos contou-lhe o projeto das mutilações num *simpósio*, contudo Andócides negou-se a participar da empreitada (Andócides. *Sobre os Mistérios*, 61). O orador assim entrega o seu amigo de *hetaireia*, além de julgar o ato de Euphilétos como um crime à religião *poliade* (Andócides. *Sobre os Mistérios*, 62-64). Andócides

acusava assim seus amigos em prol da liberdade de seus parentes (Andócides. *Sobre os Mistérios*, 68). O orador além de cometer atos contra a religião da *pólis*, quebrou um valor muito caro para os antigos: a *philia*, no momento em que denuncia seus amigos.

Plutarco comenta que Andócides e seu grupo durante um *kômos* (κωμάσαντα) mutilaram as estátuas de Hermes da *agorá* de Atenas (Plutarco. *Vida dos Dez Oradores: Andócides*, 1-5). Recentes escavações demonstraram que no noroeste da *agorá* foram encontradas hermas com as faces mutiladas (Camp, 1986, pp. 74-75). Dando assim mais solidez ao relato de Plutarco.

Hermes é uma divindade protetora dos ladrões e condutor dos mortos (Otto, 1981, p. 138). Suas estátuas simbolizavam demarcações nas ruas da *pólis*, entre *dêmos* e na frente das casas. Estas estátuas possuíam, pois, um forte caráter político-religioso. Logo, a sua mutilação afrontava as crenças religiosas dos atenienses, bem como a soberania da democracia e a proteção da comunidade.

Concluimos, então, que as práticas do simpósio e do *kômos* propiciam lugares de encontro de grupos políticos. O *simpósio-kômos* com todas suas imagens carnavalescas, eram práticas fomentadoras de conflitos sociais. Por exemplo, manifestações como a profanação dos Mistérios e as mutilações das Hermas, poderiam representar, na concepção bakhtiniana, o simpósio e o *kômos* como práticas festivas de subversão da ordem. Práticas carnavalescas com um papel claro subversivo, pois se opõem às práticas e regras oficiais da *pólis* de Atenas.

Documentação

ANDOCIDE. *Discours*. Trad. Georges Dalmeyda. Paris: Les Belles Lettres, 1986.

ARISTOPHANE. *Tome I-V*. Trad. Hilaire van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

EURIPIDE. *Théâtre Complet I-II*. Trad. de Marie Delcourt-Curvers. Saint-Amand: Gallimard, 1991.

LYSIAS. *Discours I-XXXV*. Trad. Louis Gernet. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

SOPHOCLE. *Théâtre Complet*. Trad. Robert Pignarre. Paris: Garnier Frères, 1964.

THÉOGNIS. *Poèmes Élégiques*. Trad. Jean Carrière. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

THUCYDIDES. *History of The Peloponesian War — Books V and VI*. Trad. C. F. Smith. London: Harvard University Press, 1992.

Bibliografia

AURENCHE, Olivier. *Les Groupes d'Alcibiade, de Léogoras et de Teucros: Remarques sur la Vie Politique Athénienne en 415 avant J. C.* Paris: Les Belles Lettres, 1974.

BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: Contexto de François Rabelais*. São Paulo - Brasília: Hucitec - Edunb, 1993.

CAMP, John M. *The Athenian Agora: Excavations in the Heart of Classical Athens*. London: Thames and Hudson, 1986.

CARRIÈRE, J. *Le Carnaval et la Politique: une Introduction à la Comédie Grecque* *Annales de l'Université de Besançon*. Paris: Les Belles Lettres, 1979.

DENTZER, J.-M. *Le Motif du Banquet Couché dans le Proche-Orient et le Monde Grec du VII au IV Siècle Avant J. C.* Rome-Paris: École Française de Rome - Palais Farnèse, 1982.

FINLEY, M.I. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

MURRAY, O. "The Affair of the Mysteries: Democracy and the Drinking Group"; In: MURRAY, O. *Symptica: A Symposium on the Symposion*. Oxford: Clarendon Press, 1990.

OTTO, W. *Les Dieux de la Grèce*. Paris: Payot, 1981.